

as províncias em busca de adesões. É curioso que, precipitados os acontecimentos, proclamando D. Pedro a Independência, em São Paulo, as edições do *Revérbero* de 17 e 24 de setembro não deram a mínima notícia a respeito. Essa inconcebível falha jornalística — nos critérios atuais — significaria que, para a corrente de que aquele jornal era órgão, a Independência já estava feita mesmo.

Quando do regresso, Ledo e seus companheiros saudaram D. Pedro como Imperador Constitucional do Brasil. Mas tiveram o cuidado de obter de José Clemente que, na circular às câmaras relativa à aclamação, incluísse a cláusula de aceitar D. Pedro a Constituição que a Assembléia viesse a elaborar. A cisão entre a direita e a esquerda aprofundava-se. No penúltimo número do *Revérbero*, a 1º de outubro, declarava-se: “A Independência do Brasil é hoje uma nova religião: embora punam sobre novas rodas de navalhas os seus defensores, há de progredir, há de consolidar-se, e os agressores hão de ficar submergidos no abismo que pretendiam abrir sob os nossos pés”.

A 15 de outubro já não circulou o *Revérbero*. Pelas colunas do *Correio do Rio de Janeiro*, nesse dia, seus redatores comunicavam ao público a suspensão: “Empreendido só para o fim de proclamar a Independência de seu país, nada mais lhe resta a desejar, uma vez que ele (o país) vai ter uma Assembléia Constituinte e Legislativa, que já tem um Imperador da sua escolha, que é Nação e Nação livre”. Estavam enganados: muito havia ainda que fazer. O processo da Independência continuava em desenvolvimento. Disso tinha plena consciência a direita: Ledo e Januário, com outros elementos da esquerda daquela fase, foram implacavelmente perseguidos. Ledo escapou para Buenos Aires; os demais foram deportados para a França. Havião cometido o inexprável crime de confundir o problema da Independência com o problema da liberdade<sup>(30)</sup>. Eleito para a Constituinte, Ledo não pôde tomar posse, só regressando do exílio em novembro de 1823: mas a Constituinte tinha sido dissolvida e a imprensa estava novamente sob censura. A direita elaborava a Independência à sua feição, excluindo dela qualquer resquício de liberdade. O *Revérbero* Cons-

(30) “Muitos outros cidadãos viram-se encipoados na *bonifácia*. Pronunciados, acabaram absolvidos, exceto João Soares Lisboa, condenado à prisão e depois anistiado. José Bonifácio aplicou em os trâmites desse cerebrino processo a mentalidade e o linguajar de Pina Manique. Acolhia delações e mexericos, inclusive de negros, moleques e “mulheres da vizinhança”. Levava a sério as patranhas do cônsul Correia da Câmara. Fazia espionar os cidadãos da sua antipatia. Determinando a captura das vítimas, possivelmente homiziadas no Sul, qualificava-as de “monstros perversos”. Na circular de 11 de novembro, chamava ao partido liberal “facção tenebrosa de furiosos demagogos e anarquistas”. (Carlos Rizzini: op. cit., pág. 381).